

Abel-52

O Bestiário de Marcelo Grassman

GRASSMAN expõe atualmente no Ministério da Educação uma série de 20 litografias, além de duas gravuras a buril sobre cobre. Não é de agora que consideramos o jovem artista como uma das maiores vocações plásticas do Brasil, entre velhos e novos.

Ainda na Bienal paulista, onde foi premiado, Marcelo expunha em litografias torturadas, mas numa técnica em que transparecia o domínio do meio pelo gravador, os produtos de sua imaginação rica e sombria. Mas naquelas gravações em madeira o artista ainda se sentia dominado pelos transbordamentos da imaginação. O caráter ilustrativo dessas obras ainda era muito acentuado. Muitas vezes os detalhes não se integravam no todo, ressaltando como uma inscrição por assinar dizer literal da idéia apriorística. A madeira, por seu turno, não oferece a riqueza de matices da pedra ou do metal. Ela cede demais à pressão ou à vontade fácil do artista.

Agora, suas obras surgem da pedra engordurada, da pedra suada, lavada e comida pelo ácido. A violência interior plasticamente contida do gravador leva-o algumas vezes a tirar cópias à mão, como se o artista quisesse arrancar a vida do incido ou sentir que a atravancava a

imaginação. Passa então pela trama do desenho como que um freznel maior do que se verifica nas cópias tiradas à máquina. Esses monstros que ainda na Bienal paulista atropelavam o espaço plástico agora se enquadram numa ordem severa e necessária. As harpias realmente estão nascendo ali, e as visões não aparecem no papel arbitrariamente, como algo de fora imposto por circunstâncias outras de influência, leituras ou caprichos banais. Elas passaram da mente ou do inconsciente do artista para o papel, mas através um processo de cristalização que acontece nas mãos plasmadoras do artista.

A maestria simples com que Grassman as trata, as compõe, as

sustentava Santo Agostinho, se conservavam dentro da ordem divina. Faziam parte da criação, e por si mesmo ainda eram susceptíveis de ser tocados pela graça e pela revelação. Os cinocéfalos, os cíclopes, os grifos, os licorvicos, os pígmios ocupavam os espaços misteriosos e obscuros que circundavam a periferia do mundo conhecido, com a mesma realidade com que os homens, os seres normais ocupavam o mundo já iluminado pela ciência divina.

As harpias de Marcelo, loucas de furor, são pámas das lénticas, dos passáros com cabeça de mulher que na Idade Média, voando à noite, entravam pelas casas e dentro, e perturbavam o dormir dos homens, enchendo-lhes o sono de sonhos ruins.

Nota-se no seu bestiário uma propensão horrível a metamorfosear homens em insetos e sobretudo em aracnídeos e crustáceos. São bichos aspidontes, de garras e cabeludos. As figuras nessas litografuras são descarnadas, reduzidas a uma articulação primária, em que a pele desaparece, dissocorada, sem qualquer superfície lisa.

Os frutos dessa imaginação se identificam perfeitamente com a técnica do atrito que afina e o segredo da gravura. Para Marcelo é pelo tato que a sua cabeça

se acende. O tato sugere tudo, volumes, rugosidade, matéria, espaço e o ímpeto selvagem com que suas mãos presensíveis agarram as coisas e as seres. O amor



Xilografia de Marcelo Grassman

é um fenômeno de atrito e de integração como a morte.

Diante dessas imagens a evocação de Lautreamont se impõe, instintivamente. Grassman nunca leu Les Chants de Maldoror. Mas há nele curiosas analogias com o pensamento e os modos criadores de Isidore Ducasse. O brasileiro não esconde sua predileção pelo catanguejo, pela lagosta. Fascina-o e é uma fasci-

gação misturada de horror — a junção das garras. E para ele o próprio mão — tão fina, tão sensível e por vezes tão inteligente e espiritual — é um instrumento grosseiro e cruel. Até as patas de uma mosca são para ele o desencadeamento de um repugnante processo de violência e voracidade. Tudo agarra brutalmente. A garra, eis o órgão dominador, de uma cruza e fealdade memorável.

Bachelard, no ensaio sobre Lautreamont, mostra ser o caranguejo o animal privilegiado da imaginação energética do misterioso moço montevideano. A garra para Lautreamont era o símbolo da crueldade juvenil. E Bachelard diz, com terrível lucidez: Sem crueldade e comportamento animal não pode começar. Até o borboletá diáfano da flor não pode deslendar sua trompa sem o gesto de ataque.

O caranguejo, as harpias, os passáros tudo são garras. Não há para Marcelo contato sem crueldade, sem ofensiva. Toda a criação do nosso jovem gravador gira assim também em torno do motivo dominante na imaginação de Lautreamont.

Está no caranguejo, a célula inicial da vida. A partir dela surgem e crescem as harpias, monstros e homens, o Cristo e as mulheres; todos dançam, estremecem, aparram e se aparram. É um mundo sombrio e tenebroso; mas a arte de Marcelo é luminosa. Eis um homem que tem algo a nos revelar, e com uma profundidade a que no Brasil não se está acostumado.

MÁRIO PEDROSA

lança ao papel denota que o seu bestiário tem raízes profundas.

Para Marcelo, a espécie humana é concebida nas fronteiras da animalidade. Ele a reduz aos momentos cruciais da existência, isto é, nessa fase indecisa em que o homem e o animal ainda não se distinguem.

Os bestiários medievais representavam com efeito as fronteiras da animalidade. Seus monstros, por mais teratológicos que fossem, ainda assim, conforma-

